

Globalização e circuito espacial urbano da costura: a indústria de confecção em Fortaleza-Ceará

Marlon Cavalcante Santos
José Borzacchiello da Silva
Eciane Soares da Silva Bezerra

Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em
Geografia - PROP GEO

Revista GeoUECE
ISSN: 2317-028X
<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/index>

FICHA BIBLIOGRÁFICA

SANTOS, M. C.; SILVA, J. B.; BEZERRA, E. S. S. Globalização e circuito espacial urbano da costura: a indústria de confecção em Fortaleza-Ceará. *GeoUECE* (online), v. 09, n. 16, p. 97-109, 2020.



Globalização e circuito espacial urbano da costura: a indústria de confecção em Fortaleza-Ceará

Marlon Cavalcante Santos

Rede Municipal de Ensino de Fortaleza-Ceará
marlon_ufc@hotmail.com

José Borzacchiello da Silva

Universidade Federal do Ceará
borzajose@gmail.com

Eciane Soares da Silva Bezerra

Rede Municipal de Ensino de Eusébio-Ceará e Fortaleza-Ceará
ecianess@gmail.com

Resumen: O presente artigo analisa as relações globais da indústria de confecção, tendo como suporte a teoria dos circuitos da economia urbana, superior e inferior, como reflexão teórica para abordagem do tema. Dentro da reflexão dos circuitos da economia urbana, aprofunda-se a leitura da estrutura e a articulação espacial das firmas e das indústrias de confecção a nível global, buscando-se relacionar com a presença das mesmas no município de Fortaleza e sua importância para geografia econômica urbana. Evidencia-se as novas formas, funções, estruturas e processos que o ramo da produção e de circulação de confecção passou a partir do regime de acumulação flexível em ação mais intensamente a começar nos anos de 1970. Metodologicamente analisou-se a referência bibliográfica que trata sobre o tema, além disso, foi realizada pesquisa em banco de dados de instituições públicas: Prefeitura de Fortaleza, SEFAZ-CE e indústrias de confecções, FIEC entre outras. De porte de dados e informações, aliou-se o trabalho de campo para assim estruturar uma reflexão do tema proposto. Diante do apresentado, o texto está configurado em três partes: introdução, explanação do objeto estudado e considerações finais, na qual é feita uma análise interescolar das firmas e das indústrias de confecção no município de Fortaleza, almejando as articulações que esse circuito produtivo estrutura no espaço, principalmente no urbano de países não desenvolvidos, notadamente países da Ásia, como China e Bangladesh, e da América Latina, tal como Brasil, Peru entre outros que são responsáveis pela produção e circulação de material confeccionado.

Palavras-chave: Globalização, Circuitos urbanos, Indústria, Confecção.

Introdução

Diante da condição de Fortaleza como metrópole e de sua expressão significativa no espaço urbano do Ceará, procura-se entender a importância da indústria de confecção na produção do urbano da capital cearense, uma cidade que se modificou a partir do momento em que assumiu o papel de entreposto comercial de algodão.

Na década de 1960, os investimentos da Sudene possibilitaram uma industrialização com grandes fábricas. Concomitantemente a esse processo de industrialização, com base em grandes



fábricas, outras pequenas unidades produtivas surgiam em Fortaleza dentro do circuito inferior da economia, intensificando-se nos anos 1980 no Ceará, no processo de descentralização produtiva, tendo como uma das causas as modificações ocorridas na década de 1970 surgindo, então, um espaço de “[...] trabalho disperso, complexificado, com dificuldades na organização da luta coletiva, e, por outro lado, o capital uno, preservando sua autogestão sobre o território” (BRUMATTI, 2008, p. 3) por meio da globalização, dentro de um processo de transformação interescalar.

Diante da estruturação do processo de produção e circulação de confecção dentro da globalização, compreende-se uma relação entre o local e o global para a estruturação desse circuito produtivo. A firma de confecção muitas vezes centra-se em países ricos enquanto sua produção é “espalhada” por países da periferia do sistema capitalista, local privilegiado de ação do circuito inferior.

A expressão “montar as peças” é essencial para entender essa indústria presente em Fortaleza (CE), Natal (RN), Nova Friburgo (RJ), Cianorte (PR), Santa Cruz do Capiberibe, Caruaru, Toritama (PE), Teresina, Piri-piri (PI), Salvador, Ilhéus (BA), em países asiáticos, como Bangladesh, China, em outros países, como México, Honduras, Peru e países do Leste Europeu, sendo a indústria de confecção um ramo presente nas cidades de países de capitalismo tardio.

Segue-se uma reflexão sobre as dinâmicas internacionais globalizadas e suas relações com a indústria de confecção no município de Fortaleza. Há certamente outros aspectos e outros locais produtivos que no presente momento não foram colocados em evidência. A presente análise faz a relação global e local de confecção no município de Fortaleza-Ceará.

Globalização, dinâmica e articulação da indústria de confecção no espaço geográfico

A produção mundial de confeccionados (artigos de vestuário)¹ articula-se por meio de relações globais e locais de produção, distribuição e consumo. A indústria de confecção consiste basicamente na produção de vestuário, com máquinas de costura e a fixação de aviamentos como linhas, botões, zíperes, entre outros, constituindo o último elo do setor têxtil (VIANA, 2005; FERRAZ, FIRJAN, 2011) e formando um segmento industrial específico e intensivo em mão de obra (FERRETI, 2006), tendo uma relevância produtiva significativa, principalmente no espaço urbano dos países não desenvolvidos. Tal ramo é constituinte do setor secundário, conforme apresentam Almeida, Silva e Ângelo Almeida, Silva e Ângelo (2013): conferir data nas referências

O setor secundário (ou indústria em geral) compreende todas as atividades de transformação de bens e divide-se em três subsetores: a indústria da construção civil, a indústria de serviços públicos (geração e distribuição de energia elétrica, beneficiamento e distribuição de água à população, produção e distribuição de gás encanado) e a indústria manufatureira, inclusive a relacionada ao agronegócio como, por exemplo: as fábricas de papel e celulose, os frigoríficos, entre outras (ALMEIDA, SILVA, ÂNGELO, 2013, p. 150).

A produção têxtil, especificamente a de confecções, está inserida no subsetor da indústria manufatureira, tendo esse subsetor sido significativo para o processo da revolução industrial ocorrida

¹ Não inclusos, portanto, os demais elos da cadeia têxtil (setores: algodão, fiação, tecelagem e linha lar – cama/mesa/banho) (ABRAVEST, 2013).



na Inglaterra, enquanto atividade pioneira, tanto do ponto de vista produtivo quanto de expansão. Santos (2008) afirma que tal setor impulsionou a revolução industrial inglesa dos séculos XVIII e XIX e foi a primeira forma de indústria a se instalar fora dos países desenvolvidos.

A cadeia de produção confeccionista instalou-se predominantemente nos países não desenvolvidos, principalmente nos asiáticos e em países da América Latina, como Brasil e México, sendo essa produção ligada a péssimas condições de trabalho, com grandes jornadas diárias, baixos salários e condições insalubres como: fiações elétricas expostas, máquinas antigas, falta de equipamentos necessários para a proteção do trabalhador e ambientes com pouca ventilação e luminosidade (CASARA, 2006; FERRETI, 2006; LIMA, 1997). Na tabela 1 evidencia-se a produção da indústria de confecção por países.

Tabela 1: Produção confeccionista por países.

PAÍSES	PARTICIPAÇÃO PROPORCIONAL
China	49%
Índia	7 %
Paquistão	3,8 %
Brasil	2,9 %
Turquia	2,7 %
Coréia do Sul	2,4 %

Fonte: Abravest² (2013).

A produção de vestuários nesses países, mostrada na tabela 1, é facilitada pela flexibilidade nas relações trabalhistas, como regimes de horas variáveis, pouca fiscalização e disponibilidade de mão de obra barata. O fenômeno de flexibilidade foi intensificado a partir da década de 1970, por meio da reestruturação produtiva (HARVEY, 1993).

Como observado na tabela 1, a China detém 49% da produção mundial, pois esse país dispõe de um grande número populacional, com pequeno nível de renda, que se submete a baixos salários. A intensa atividade industrial desse país se deve à abertura econômica ocorrida gradativamente nos anos 1980, que aumentou as relações comerciais e deu condições para que os investidores estrangeiros tivessem ganhos lucrativos (FERRETI, 2006).

Além disso, a China dispõe de uma boa infraestrutura, tendo um dos maiores portos do mundo, um grande mercado consumidor interno, facilidade para as empresas transferirem suas plantas menos modernas, com intensiva mão de obra, por meio da associação em forma de *joint venture*³, buscando a instalação empresarial com plantas industriais que exigem significativas quantidades de trabalhadores, conjuntamente, tentando transferência da tecnologia (GUIMARÃES, 2012).

A China também foi beneficiada pelas novas regularizações feitas no Acordo Têxtil Vestuário (ATV), ou Acordo Multifibras, implantado em 1974, com o fim de conter exportações de países não desenvolvidos nos mercados dos países desenvolvidos, através de cotas e tarifas taxadas nas

² Associação Brasileira do Vestuário.

³ Traduzindo ao pé da letra, a expressão *joint-venture* quer dizer "união com risco". Ela, de fato, refere-se a um tipo de associação em que duas entidades se juntam para tirar proveito de alguma atividade, por um tempo limitado, sem que cada uma delas perca a identidade própria (IPEA, 2006).

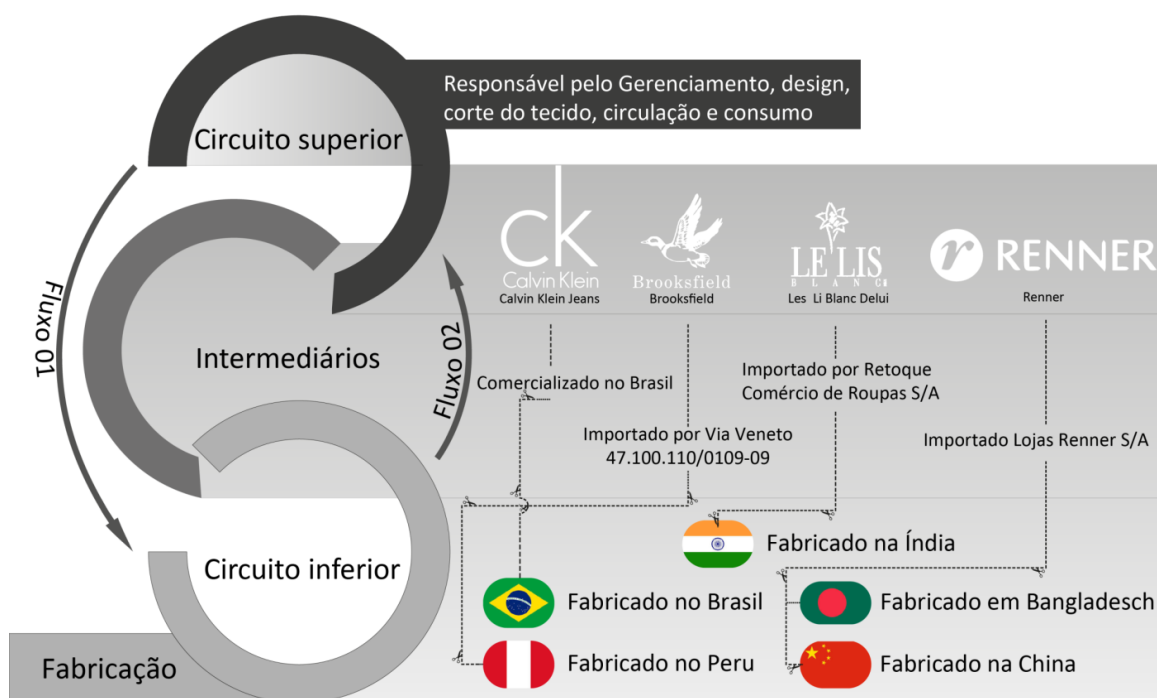


mercadorias. Em 1995, com a Rodada do Uruguai, essas regras começaram a ser desmanteladas, o que diminuiu as taxas sobre os produtos importados pelos países desenvolvidos.

Os produtos têxteis e o vestuário começaram a entrar com mais facilidade em diversos países, e a China foi um dos países mais beneficiados, pois detém grande produção em matéria-prima de confeccionados feitos à base de fibras químicas⁴, responsáveis pela constituição de diversas peças de vestuário. Segundo Dan (2002), no final da década de 1980 os produtos têxteis e o vestuário ultrapassaram a importância do petróleo no mercado de exportação chinês.

No Brasil, a abertura econômica e a flexibilização trabalhista foram reforçadas nos anos 1990 com o Plano Brasil Novo⁵, no governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992), e continuadas no governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2003).

Chesnais (1995) afirma que as firmas que gerenciam a produção de confecções seriam “firmas-rede”, as mesmas articuladas a um galpão produtivo em países como a China, a Índia, o Paquistão, a Turquia, o Brasil e a Coreia do Sul para a concentração de suas atividades produtivas. Essas empresas buscam montar suas atividades em países de capitalismo tardio, concentrando suas atividades confeccionistas em centros urbanos, como Nova Deli, Islamabad, Dacca, Chittagong, São Paulo, Nova Friburgo, Fortaleza e Natal, os quais possuem grande concentração populacional e têm na confecção um segmento de absorção da mão de obra abundante. No Fluxograma 1 observa-se a articulação e dissociação entre gerenciamento e produção na indústria de confecção.



Fluxograma 1: Relações de produção, distribuição e consumo de confeccionados em escala mundial dentro dos circuitos da economia urbana. **Fonte:** Santos, Silva, Bezerra (2014).

⁴ São fibras produzidas a partir de processos químicos, a polimerização, resultando em material artificial como Viscose, Poliamida, Acrílico e Poliéster.

⁵ Também chamado de Plano Collor, foi baseado na implementação ousada de uma política de privatizações e de liberalização econômica, tanto no que tange aos fluxos de capitais quanto aos fluxos de mercadorias (GENNARI, 2001), acelerando o processo de abertura econômica do país.



Baseado na teoria dos circuitos da economia urbana, o Fluxograma 1 evidencia como a indústria de confeccionados no mundo se articula, buscando a centralização do capital e a descentralização da produção, tendo na diminuição das despesas produtivas o argumento essencial para essa articulação.

Sabe-se que qualquer proposta de esquematização poderá não destacar todos os processos que ocorrem dentro de um fenômeno que se procura evidenciar, mas também se tem em mente que o esquema de representação elucida de uma forma mais global as relações travadas, para a compreensão de determinado evento.

A produção de confecção está inserida nos circuitos espaciais da economia urbana no qual Santos (2008) afirma que é constituído pelo circuito superior da economia urbana, caracterizado por uma disposição suficiente de capital, tecnologia, estoques de mercadorias, acesso a financiamentos e parcerias com governos, ele seria o capital atrelado às “regras claras” na busca pelo lucro. No entanto se existe o circuito superior, há a necessidade de haver um circuito inferior, o qual é representado pela pequena produção ou comércio de pequeno porte, ausência de grandes estoques de mercadorias, busca pelo lucro diário e a sobrevivência.

Tem-se no circuito superior a centralização do gerenciamento, do marketing, da distribuição e do consumo feita pelas grandes firmas, pelos bancos, pelo comércio, por atacadistas e transportadoras (SANTOS, 2008).

Percebe-se que as lojas de grifes e de departamentos têm uma relação de produção de confecções descentralizada e espalhada pelo mundo, principalmente nos países de capitalismo periférico, como é ressaltado no Fluxograma 1.

Em lojas de grife pesquisadas como Brookfield, Calvin Klein Jeans, Le Lis Blanc Delui, entre outras, verificou-se uma relação entre gerenciamento, distribuição e consumo no circuito superior, e uma distribuição por meio dos atacadistas ligados aos intermediários, que, para Santos (2008), se constitui no topo do circuito inferior e na base do superior, estando a produção, ou seja, a montagem das peças, no circuito inferior, geralmente em países asiáticos como China e Bangladesh e também no Brasil, Peru e em Honduras. No Fluxograma 1 mostram-se também as relações na produção de vestuários para as lojas de departamentos, no caso a Renner.

As lojas de departamento, por sua vez, centram em seus escritórios os laboratórios de pesquisa, o protótipo de modelos de vestuário que irão ser confeccionados. Há uma intensa concentração dessas empresas nos países desenvolvidos, centrando mão de obra qualificada para a criação dos vestuários e descentralizando a produção propriamente dita por vários países.

O fluxograma 1 mostra que a loja contratante faz um processo de encomenda via intermediário, o qual estará responsável pela entrega do material à indústria de confecção, que, geralmente, irá montar as peças, costurar as partes do vestuário que chegam a essa unidade produtiva já cortadas, além de fixar alguns aviamentos.

O processo de articulação entre a empresa contratante, o intermediário e as indústrias confeccionistas é caracterizado por um intenso controle de material e peças de aviamentos⁶, controle esse relacionado à qualidade do produto final.

⁶ Compreendem acessórios colocados nos vestuários como zíperes, botões, laços, lantejoulas, linhas de costuras de estruturas variadas, utilizados no acabamento dos vestuários.



A Renner tem roupas fabricadas em Bangladesh em duas fábricas diferentes, identificadas no por Blue Steel e a Request, voltadas para roupas em malha. Já a produção de outro tipo de roupa, chamado de gola polo, é feita no Peru, tais informações encontradas na etiqueta do vestuário.

Assim a indústria de confecção estaria dentro desses dois circuitos espaciais urbanos da economia, cuja estruturação se configura por uma fragmentação da produção em centenas de galpões produtivos e, havendo a concentração do gerenciamento nas sedes administrativas das firmas. A globalização se impõe nas articulações espaciais mundiais, produzindo desigualdades, em que a produção fica de um lado e a distribuição e o consumo ficam de outro.

Santos (2008) afirma que há uma dissociação geográfica entre controle, produção e consumo, existindo uma separação entre escala da ação e do ator. Essa dissociação é condicionada pelas firmas transnacionais, no caso, as grandes marcas ligadas ao setor de vestuário.

Outras empresas são mundialmente responsáveis pela distribuição e pelo consumo de confeccionados, a saber: H&M, Louis Vuitton, Hermès Paris, Gucci, Mötet e Chandon, Burberry. Gonzaga (2002) afirma que empresas como Lupo, Ellus e Malharia Cambucy- Penalty praticamente não são mais responsáveis pelo processo de fabricação do vestuário e acessórios, delimitando sua ação em outros setores como circulação e venda.

Algumas dessas marcas são de capital brasileiro, como Malharia Cambucy-Penalty e Lupo, o que mostra a participação de países não desenvolvidos no circuito superior, estando esse circuito nesses espaços, estruturado de uma forma pontual e fragmentada. Essas firmas têm na unicidade das técnicas as condições para a estruturação das verticalidades⁷ que, para Santos (2008), são responsáveis pela circulação, distribuição e pelo consumo, sendo esses processos unidos pela mesma essência do fenômeno da globalização ou mundialização do capital Chesnais (1995), imposta como uma etapa do capitalismo, socializando a produção em países periféricos e privatizando a circulação, distribuição e o consumo. Segundo Santos (2000), a globalização compreende,

[...] entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. (SANTOS, 2000, p. 22).

A globalização como fenômeno presente e como consequência da modernização faz com que as relações mundiais, por meio das técnicas, possam ser travadas em diversos espaços. Para Santos (2008), o fenômeno de articulação que extrapola o país, ligado à globalização e baseado nas verticalidades, possibilita relações extranacionais denominadas como circuito superior, originadas diretamente da modernização tecnológica e organizacional representada pelos bancos, distribuidores, firmas com intensivos capitais, construindo relações que ultrapassam a cidade e buscam o lucro permanente e a expectativa de estabilidade produtiva.

No caso do Brasil, no Nordeste, Fortaleza-CE é um expressivo centro de produção, comercialização e consumo. Há na capital cearense uma indústria importante de produção de

⁷ Santos (2008) afirma que existem as horizontalidades e as verticalidades. “As *horizontalidades* são espaços contínuos formados de pontos no espaço que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão conta sobretudo dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais extensa e implacável” (SANTOS, 2008, p.88).



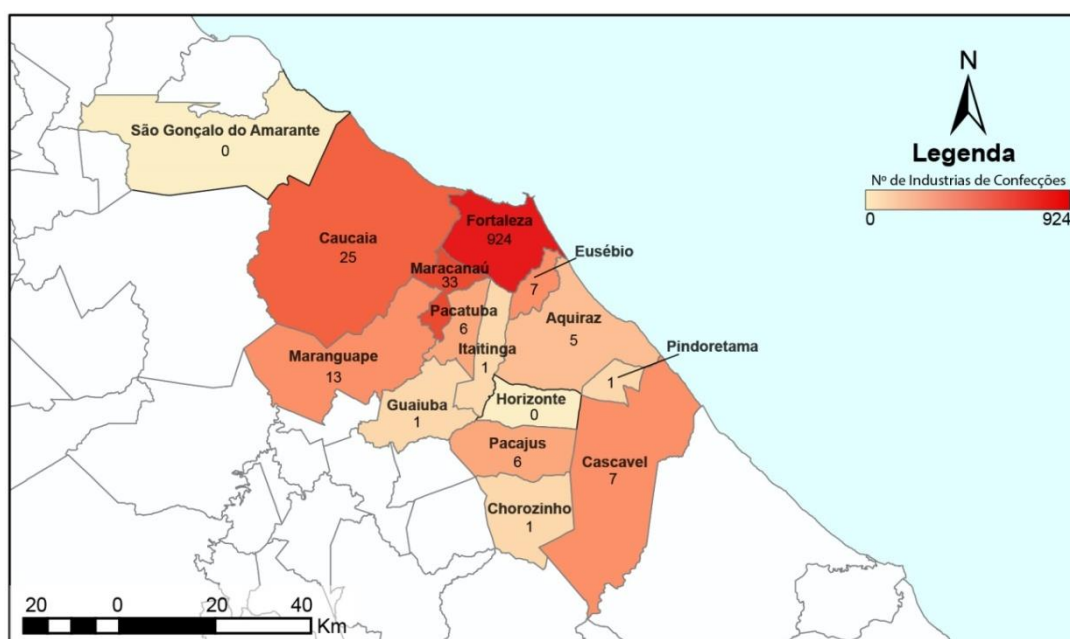
confecção espalhada pelo seu território municipal chegando a estender-se para alguns municípios da RMF (Região Metropolitana de Fortaleza), mais precisamente Maracanaú e Caucaia.

Formas e funções do processo produtivo da confecção em Fortaleza e região metropolitana

103

O Censo das Confecções (2008)⁸ afirma que existem 2.782 unidades produtivas no Ceará, das quais 1.962 concentram-se em Fortaleza. Essa informação foi baseada em dados da Secretaria da Fazenda do Ceará (Sefaz-CE) de 2007 e do banco de dados do Sistema Integrado da Arrecadação (Siga) Censo das Confecções (2008).

A concentração confeccionista em Fortaleza é significativa para o Ceará, pois enquanto outras cidades do estado tem um percentual de 29,48% das unidades produtivas confeccionistas, 70,52% das confecções estão concentradas na capital, e se forem levadas em consideração outras cidades da RMF, como Caucaia, Maracanaú, Maranguape e Pacatuba, esse percentual aumenta consideravelmente. Diante disso, evidencia-se a predominância percentual desse tipo de indústria na capital cearense, ressaltando que a localização das indústrias de confecções no Ceará é semelhante a do Rio Grande do Norte, pois nesses dois estados há uma significativa predominância dessas fábricas em suas capitais e respectivas regiões metropolitanas. No Mapa mostra-se a concentração das indústrias de confecções em Fortaleza e na RMF.



Mapa 1: Unidades confeccionistas na Região Metropolitana de Fortaleza. **Fonte:** Anuário Estatístico Fiec (2013).

Em praticamente todos os municípios existe a presença de unidades produtivas. Municípios como Caucaia e Maracanaú se destacam, pois além de serem vizinhos à capital, compartilham com

⁸ Publicação feita pelo Instituto Evaldo Lodi (IEL), pelo Sebrae-CE e pelo Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas e Chapéus de Senhoras no Estado do Ceará (SindConfecções).



Fortaleza uma intensa concentração de conjuntos habitacionais, principalmente nas áreas Sul e Oeste, locais da cidade onde está a população trabalhadora.

O Horizonte faz parte de um eixo industrial dentro da RMF, como analisado por Pereira Júnior (1996). Esse município tem grandes indústrias de vestuário como Vicunha, Malwee, empresas que captam a mão de obra desse município, todavia se procurado na sessão de indústrias têxteis Anuário Fiec (2013), Horizonte possui uma intensa concentração industrial no ramo têxtil.

Essa concentração industrial centrada em capitais e regiões metropolitanas é observada no Ceará e no Rio Grande do Norte, em Pernambuco a concentração confeccionista está no Agreste. Outros estados do Nordeste como Bahia, Piauí e Paraíba têm indústrias concentradas em suas capitais, mas com significativa participação de cidades do interior.

Silva (1992) afirma que em Fortaleza há um relevante número de pequenas e médias indústrias. Embora expressivas em quantidade, essas indústrias não têm capacidade de absorver todo o fluxo migratório que chega à cidade, o que demonstra a quantidade de indivíduos que vêm para a capital cearense atrás de emprego.

Esse autor salienta que tal fluxo é intensivo nas últimas décadas do século XX: “Tanto os fatores de ordem climática, seca ou cheia, quanto os sociais, fundamentalmente a estrutura fundiária, dificultam cada vez mais a fixação da população no interior.” (SILVA, 1992, p. 30). Essa migração é baseada em fatores de mudanças e fatores de estagnação, como evidenciado por Singer (1973)⁹, que relaciona tal fato à falta de perspectiva no campo, sendo a cidade ponto de destino para diversos trabalhadores.

Como apontado por Silva (1992), Fortaleza tem a ocupação de seu sítio urbano por uma população que busca melhores condições de vida fora do interior e vê a cidade como fornecedora de trabalho.

Nessa condição, Fortaleza tem uma mão de obra abundante para ser absorvida no mercado de trabalho, incluindo, no caso, as pequenas indústrias de confecções, que possibilitam trabalho perto da residência do trabalhador, o qual, geralmente, mora próximo da fábrica ou dentro dela.

Grande parte da mão de obra nessa indústria é composta de mulheres. Silva (1992) observa que tal caráter do trabalho feminino ultrapassa Fortaleza e chega à Região Metropolitana e evidencia:

Uma observação acurada na situação do emprego industrial em Fortaleza e sua Região Metropolitana revelará que parte substancial dessa mão de obra ocupada é construída, essencialmente, pela mão de obra feminina em pequenas indústrias de confecções ou aquelas ligadas ao artesanato (SILVA, 1992, p. 33).

⁹ Paul Singer, em sua obra *Economia Política da Urbanização* (1973), faz uma abordagem sobre as causas das migrações internas nos países ditos não desenvolvidos, ressaltando que existem fatores de mudanças e fatores de estagnação. Os primeiros “decorrem da introdução de relações de produção capitalistas nestas áreas, no **caso o campo** (grifo do autor), a qual acarreta a expropriação de camponeses, a exclusão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo como objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a consequente redução do nível de emprego” (SINGER, 1973, p. 38). Já os fatores de estagnação estão relacionados “à forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade física de terra aproveitável como a monopolização de grande parte de mesma pelos grandes proprietários” (p. 38). Sobre os atores de mudanças, ler Elias (2008), que fala sobre as modificações tecnológicas implementadas no campo do Ceará. Já para os fatores de estagnação, ver Alencar (2000), que ressalta a condição do uso da terra no Ceará.



Esse autor ressalta a importância dessa atividade para o emprego de mão de obra, principalmente a feminina, em Fortaleza e na Região Metropolitana. Quando se evidencia a indústria de confecção, ela hoje está mais voltada para a atividade fabril dentro da economia urbana, inserida na dinâmica dos circuitos.

As maiores concentrações das indústrias de confecções em Fortaleza estão nas Regionais¹⁰ I, IV, III e V. Na Regional IV, os bairros onde se localizam muitas indústrias são: Damas, Bom Futuro, Montese, Parreão, Vila União, Parangaba, Vila Pery. Na Regional III, os bairros com maior número de indústrias de confecções são: Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Bom Sucesso, Antônio Bezerra, Quintino Cunha, Rodolfo Teófilo, e na Regional V, Maraponga, Mondubim, Conjunto Esperança, Conjunto Prefeito José Walter, Vila Manuel Sátiro são os bairros com maior concentração de confecções.

Evidencia-se uma concentração da indústria de confecção no município de Fortaleza, principalmente em bairros localizados nas áreas oeste e sul da cidade que em uma reflexão relacionada a condições sociais estão presentes grande contingente populacional e em alguns bairros um expressivo índice de vulnerabilidade social, principalmente nos bairros no limite entre o município de Fortaleza com outros da Região Metropolitana.

Conclusão

Diante do exposto é possível afirmar que a indústria de confecção tem uma estrutura espacial mundial, a qual relaciona países desenvolvidos em processos de gerenciamento e circulação e produção em países não desenvolvidos, ou para outros emergentes em que são locais ideais para a construção e articulação da produção de confecções. Sendo assim tal circuito produtivo se relacionou e se reestruturou com as modificações da acumulação flexível mais intensa a partir dos anos 1970.

Mesmo com uma articulação global, a indústria de confecção está centrada no urbano local, dinamizando o espaço de muitas cidades brasileiras e de outros países. Por meio do circuito da economia urbana, inferior e superior, o circuito produtivo confeccionista está na cidade de Fortaleza, já que a cidade se destaca como responsável por mais de 60% da produção do estado do Ceará e da RMF.

Portanto, mesmo sendo um circuito produtivo de articulação global, a indústria de confecção tem uma importância fundamental para a economia espacial de Fortaleza, principalmente em bairros periféricos, estruturando e articulando uma importante porção do espaço da cidade e um expressivo percentual da população empregada nas fases produtivas e de circulação da indústria de confecção.

¹⁰ O presente texto refere-se a divisão regional de Fortaleza proposta em 1997. Atualmente está sendo implantada uma nova divisão regional para o município.



Agradecimentos

Nossos agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico FUNCAP.

Referências Bibliográficas

ABRAVEST. **Associação Brasileira do Vestuário**. Em link: <<http://www.abraviest.org.br>>. Acesso em 28 de maio de 2013.

ALENCAR, F. A. G. **Segredos Íntimos: a gestão nos assentamentos de reforma agrária**. Fortaleza: EDUFC, 2000.

ALMEIDA, A. N.; SILVA, J. C.; G. L. ANGELO, H. Importância dos setores primário, secundário e terciário para o desenvolvimento sustentável. **Revista Brasileira de Gestão e desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 9, n 1, p. 142-162. 2013.

FIEC. **Anuário estatístico FIEC**. Fortaleza, 2013.

BRASIL, N. B. **Indústria de confecção no Nordeste: relatório síntese**. Fortaleza. SUDENE, BNDE, 1978.

BRUMATTI, T. **O trabalho domiciliar feminino em Terra Roxa/PR**. In: VI Seminário do Trabalho, Marília, 2008.

CASARA, M. Que moda é essa? C&A vende roupas fabricadas por imigrantes em malharias clandestinas. **Revista Observatório Social**, São Paulo, n 10, p.04-15, 2006.

CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas-SP, n 5, p.1-30. 1995.

CENSO, C. **Diagnóstico Socioeconômico do setor de confecções e acessórios de Fortaleza**. IEL-SEBRAE-SINCONFECÇÕES, 2008.

DAN, WEI. A China e a Organização Mundial do Comércio. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas-SP, v. 11, n 18, p.1-44. 2002.

DANTAS, E.W. Metamorfoses do setor terciário e terceirização contemporânea. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 6, n. 12, p.18-24, jul./dez. 2007.

DANTAS, E. W. **Comércio Ambulante no Centro de Fortaleza- CE (1975-1995)**. Dissertação. Universidade de São Paulo-FFLCH/USP, 1995.

ELIAS, D. Restruturação produtiva da agricultura cearense: rumo a desintegração competitiva e à fragmentação do espaço agrário. In: SILVA, J.B. et al (org). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.

FERRETI, R. C. **Competição da China: Considerações sobre os impactos nas empresas de vestuário no Espírito Santo**. Monografia. Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.



- FERRAZ, F. T.; FIRJAM, A. A. Uma breve análise acerca do segmento industrial têxtil e de confecção brasileiro pós década de 80 e a competitividade do setor no mercado de Juiz de Fora, MG. **Redige**. São Paulo, v 17, n 3, mai. 2011.
- FIEC. **PRODIC**- Programa de Desenvolvimento da Indústria de confecção. Relatório da Pesquisa. Fortaleza, 2003.
- GENNARI, A. M. Globalização, Neoliberalismo e Abertura Econômica no Brasil nos Anos 90. **Revista Pesquisa e Debate**, São Paulo, v. 13, .1, p. 30-45. 2001.
- GUIMARÃES, A. Q. A Economia Política do Modelo Econômico Chinês: O Estado, o Mercado e os Principais Desafios. **Revista. Sociologia e Política**. Curitiba, v. 20, n. 44, p.103-120, 2012.
- GONZAGA, J. F. **O comportamento das empresas de grande e médio porte do setor de confecções de Goiânia diante do processo de terceirização**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- IPEIA. Desafios do desenvolvimento, 2006 www.ipeia.gov.br. **08 dez**, 2013.
- LIMA, J. C. Negócios da China: a nova industrialização no Nordeste. **Revista. Lua Nova: revista de cultura e política**. São Paulo, n.49, 1997.
- MONTENEGRO, R. M. **Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano: o Circuito Inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém**. Tese. Universidade de São Paulo, 2011.
- PEREIRA, JR. E, A. **A Alteração sócio-espacial gerada pelo advento da Indústria nos Municípios de Horizonte e Pacajus – CE**. Dissertação. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 1996.
- SANTOS, M. **O Espaço Dividido: Os dois da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. São Paulo: ed. USP, 2008.
- SANTOS, M. **Por uma outra Globalização: do pensamento único á consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVA, J. B. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.
- SILVA, E. S. **Dinâmica Socioespacial do Comércio Popular de Confecção no Centro de Fortaleza**. Dissertação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1973.
- SILVEIRA, M. L. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. **Revista CDC**. Caracas, v. 21, n. 57, 2004.
- VIANA, F.L E.; Rocha, R. E. V.A indústria têxtil e de confecções no Nordeste: gargalos, desafios e oportunidades. **Revista Produção On-line**. Florianópolis, v. 8, n. 3, 2005.



GLOBALIZATION AND URBAN SEWING SPACE CIRCUIT: THE CLOTHING INDUSTRY IN FORTALEZA-CEARÁ

Abstract: This article analyzes the global relations of the clothing industry, based on the theory of urban economy circuits, upper and lower, as a theoretical reflection to approach the theme. Within the reflection of the circuits of the urban economy, the reading of the structure and the spatial articulation of firms and clothing industries at a global level is deepened, seeking to relate to their presence in the municipality of Fortaleza and its importance for economic geography urban. It highlights the new forms, functions, structures and processes that the branch of production and circulation of clothing passed from the flexible accumulation regime in action more intensively beginning in the 1970s. Methodologically, the bibliographic reference that deals with on the subject, in addition, research was carried out in a database of public institutions: Fortaleza City Hall, SEFAZ-CE and clothing industries, FIEC among others. In terms of data and information, fieldwork was combined to structure a reflection on the proposed theme. Given the presented, the text is configured in three parts: introduction, explanation of the object studied and final considerations, in which an inter-scale analysis of the firms and the clothing industries in the city of Fortaleza is made, aiming at the articulations that this productive circuit structures in the space, mainly in urban areas of undeveloped countries, notably Asian countries, such as China and Bangladesh, and Latin America, such as Brazil, Peru, among others, which are responsible for the production and circulation of manufactured material.

Key-words: Globalización, Urban circuits, Industry, Confection

CIRCUITO DE ESPACIO DE GLOBALIZACIÓN Y COSTURA URBANA: LA INDUSTRIA DE LA ROPA EN FORTALEZA-CEARÁ

Resumen: En la presente investigación analizamos las relaciones globales de la industria de la confección, teniendo como soporte la teoría de los circuitos de economía urbana, superior e inferior, como una reflexión teórica para abordar el tema. Dentro del reflejo de los circuitos de la economía urbana, se profundiza la lectura de la estructura y la articulación espacial de las empresas y las industrias de la confección a nivel mundial, buscando relacionarse con su presencia en la ciudad de Fortaleza y su importancia para la geografía económica. Destaca las nuevas formas, funciones, estructuras y procesos que la rama de producción y circulación de ropa pasó del régimen de acumulación flexible en acción con mayor intensidad a partir de la década de 1970. Metodológicamente, se analizó la referencia bibliográfica que aborda el tema, como una búsqueda en la base de datos en instituciones públicas: Ayuntamiento de Fortaleza, SEFAZ-CE e instituciones privadas, FIEC, entre otros. En términos de datos e información, el trabajo de campo se combinó para estructurar una reflexión sobre el tema propuesto. La explicación se divide en tres partes, introducción, explicación del objeto estudiado y consideraciones finales, en las cuales se realiza un análisis intercalar de empresas e industrias del vestido en el espacio geográfico globalizado del municipio de Fortaleza, con el objetivo de articular ese circuito productivo estructura en el espacio, principalmente en áreas urbanas de países sin desarrollar, especialmente países de Asia como China y Bangladesh y América Latina como Brasil, Perú, entre otros, que son responsables de la producción y circulación de material producido.

Palabras-clave: Globalización, Circuitos urbanos, Industria, Confección

MARLON CAVALCANTE SANTOS

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia UFC (PPGGEO) e professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza-Ceará.

E-mail: marlon_ufc@hotmail.com

JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA

Professor Titular e Emérito da Universidade Federal do Ceará. Professor dos Programas de Pós Graduação em Geografia da UFC e PUC-RIO, Pós-doutor em Geografia Humana pela Université de Paris IV - Sorbonne. Doutor e mestre em Geografia Humana pela USP.

E-mail: borzajose@gmail.com



ECIANE SOARES DA SILVA BEZERRA

Doutora em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia UFC (PPGGEO) e professora da Rede Municipal de Ensino de Eusébio-Ceará e Fortaleza-Ceará.

E-mail: ecianess@gmail.com
